

Tornar-se negra: a gira poética e a transcorporeidade no álbum visual “Bom Mesmo É Estar Debaixo D’água” de Luedji Luna¹

Maurício BARROS²

Rogério COSTA³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o álbum visual **Bom Mesmo É Estar Debaixo D’água (2020)** da artista Luedji Luna, na perspectiva da gira poética e a transcorporeidade utilizada pela cantora. As discussões foram baseadas em leituras sobre o ponto de vista no cinema documentário (PENAFRIA, 2001), em estudos acerca da identidade negra (SOUZA, 2021) e pesquisas relacionadas ao amor romântico, responsabilidade afetiva e a solidão da mulher negra (HOOKS, 2021). A metodologia ancorou-se em fazer um estudo do tornar-se negra na perspectiva do amor, atrelado ao racismo, à afetividade e à solidão, objetivando descortinar os mecanismos do racismo atrelados ao afeto.

PALAVRAS-CHAVE: Álbum visual; Afetividade negra; Transcorporeidade; Feminismo negro; Racismo.

INTRODUÇÃO

A identidade negra ao longo dos anos, vítima das estruturas sociais que sustentavam o racismo, está vinculada à ideia de passividade e à aceitação por meio das formas de opressão que integravam o sistema escravocrata. As práticas da ideologia segregacionista procuravam criar ideais de inferioridade e buscavam apagar raízes da cultura negra, partindo da suposição de que ser negro poderia estar ligado a negatividade.

Em resumo, um dos mecanismos do racismo é buscar a manutenção dos privilégios brancos, e para isso, destruir a humanidade negra e reproduzir discursos de

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Graduando em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: mauriciobarrosjorn@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UERN, email: paulorogério@uern.br

marginalização, os quais estabelecem o ser negro como analogia à desonra. Tais discursos também intencionam fazer-nos questionar sobre como as práticas do racismo cotidiano podem ser vistas, causando confusão ao nosso subconsciente para reconhecer situações de microagressões.

No livro *Tornar-se Negro* (2021), da escritora Neusa Souza, ela salienta, “A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio” (SOUZA, 2021, p. 31). Com isso, subentende-se que o processo de reconhecer nossa corporeidade e a transformação para tornar-se negro pode ser um processo doloroso, podendo acarretar o auto-ódio do nosso corpo, que por vezes é alimentado pela idealização de um corpo branco, que coagimos a desejá-lo.

METODOLOGIA

Utilizando pesquisas teóricas, bibliográficas e audiovisuais, o trabalho baseou-se na análise do álbum visual **Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água (2020)** da artista Luedji Luna, objetivando investigar elementos que compõem a existência do tornar-se negra na perspectiva do amor romântico, considerando o impacto do racismo, da afetividade e da solidão da mulher negra. Assim, o artigo busca desvendar os mecanismos do racismo que se entrelaçam nas relações de afeto. Ademais, utilizei pontos de vista de autoras, tais como bell hooks (2021), Neusa Souza (2021), Ceila Portilho Maciel (2020), Lelia Gonzalez (2019), entre outros.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em outubro de 2020, a artista Luedji Luna lança o álbum, *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água*, seu segundo disco de carreira, com 12 faixas beirando 50 minutos de pura intensidade mergulhados nas raízes da cultura negra. Imersa em ritmos africanos e no jazz, a cantora utiliza-se do álbum visual como um híbrido entre álbum fonográfico e videoclipes para contar sua narrativa de vida, usando o mesmo estilo popularizado por Beyoncé, em 2013, com o lançamento do álbum *Beyoncé* (JANOTTI JÚNIOR et al., 2022, p. 02).

Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água (2020), é a continuidade do primeiro disco, Um Corpo no Mundo (2017). As diferenças entre as obras podem ser analisadas em duas perspectivas: o primeiro disco mostra uma Luedji Luna que está se lançando no mercado fonográfico, então o nome da obra remete a ideia de encontrar-se dentro de um espaço de não pertencimento. Já no segundo, o álbum visual mostra uma cantora madura, realizada em diversos âmbitos, entretanto, sente-se atravessada pelo racismo. Dessarte, produzir um álbum sobre assuntos que comprometem e fringe sua vida, seria uma forma de encontrar no seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017), um espaço de porta-voz para mulheres negras.

A artista considera que a lógica do racismo é suprimir nossa humanidade, e nada mais constitutivo do que as relações de afeto - do amar e ser amado. Então, o sentimento de amor abordado no álbum é trazer a reconstituição de nossas vidas, reconhecendo o racismo, primeiramente, e em seguida, buscar não ser atravessado pelas armadilhas que ele nos impõe, (SANTIAGO, 2020). Logo, o álbum visual nasce com a necessidade de escancarar o racismo e seu principal mecanismo: a destruição da humanidade negra por meio da ideia do não ser amado.

Desta forma, a constância que interliga os discos é a consciência da artista, que no primeiro buscava um protagonismo, mas encontrou um corpo no mundo atravessado pela racismo e precisou abordar o tornar-se negra como um processo identitário para nascer um Luedji madura, porém desinquieta pela solidão. Nesse processo, a cantora constrói sua identidade fiel e despida de verdade, no álbum. A ideia defendida por Lelia Gonzalez é o reflexo de Luedji Luna usar a arte como forma política de existir e resistir, “Uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo” (GONZALEZ, 2019, s.p).

A intelectual, em depoimento publicado em 1988, enfatiza que “a gente não nasce negro, a gente se torna negro”, ressaltando que é uma conquista dura, cruel e que se desenvolve ao longo de nossa existencia, ou seja, uma identidade que vai sendo contruída e moldada, que não encontra-se de forma pronta, acabada, (GONZALEZ, 2019, s.p). A citação interliga-se como o pensamento da pesquisadora e psicanalista Joice Berth, num trecho retirado do livro Pequeno Manual Antirracista (2019), de Djamila Ribeiro: “Não me descobri negra, fui acusada de sê-la”, (2019, p. 24).

No ponto de vista da transcorporeidade, a cantora utilizou-se do seu corpo negro que está em constante afirmação de sua idade para abordar sua firma de existência. O termo empregado diz respeito ao pensamento defendido por Ceila Portilho Maciel (2020) em que, à condição de povos, corpos e culturas colonizadas e subalternizadas, sobretudo latinas, a realidade transcultural compõe nossas corporeidade/existências e em condição coletiva, a transcorporeidade genética e histórica (MACIEL, 2020, p. 140). Diz-se, no sentido racial, o corpo negro afirma-se na sua existência e evidencia os atravessamentos diaspóricos impostas pelo racismo - o corpo performático.

Mas, isso tornou-se possível através da gira poética defendida pela artista, do amor como objeto social e ditatório das relações de afeto envolvendo pessoas negras. Pois, através das músicas, somos imersos nas canções, ao mesmo tempo que vivenciamos suas dores e sentimentos por meio das letras. Luedji Luna traz mensagens que refletem e escancaram feridas, ao tempo que faz uma denúncia social sobre a figura da mulher negra, pobre e periférica. A cantora utiliza-se da estrutura dramática, e assim, constitui sua personagem, espaço da acção, tempo da acção e conflito (PENAFRIA, 2001, p. 02)

Ao trazer o amor como a centralidade do que nos move como humanos, a solidão beira o corpo negro e nele faz morada. Luedji externa isso nas várias canções que compõem o álbum. Porém, ela explora esse novo olhar sobre o amor que assume uma posição social, trazendo o amor romântico, com idealização social e histórica, e fruto de uma ideologia monogâmica, patriarcal, heteronormativa e branca. Partindo da perspectiva de Bell Hooks no livro Tudo sobre amor (2021), ela nos fala sobre o anseio do amor, como se nele encontremos o remédio para nossas dores. Contudo, nem sempre estamos aptos, em meio a essa busca, de sermos correspondidos. “Todos nós ansiamos por uma comunidade amorosa. Ela eleva a alegria da vida. No entanto, muitos de nós buscam a comunidade apenas para escapar do medo da solidão” (HOOKS, 2021).

Ademais, hooks traz o peso e a afirmação da procura amorosa quando transferimos a idealização do não ser amado ao fardo de dor e sofrimento, quando na verdade, “[...] somos capazes de ficar sozinhos, podemos estar com os outros sem usá-los como válvula de escape” (HOOKS, 2021). O discurso, pode ser usado na figura do homem branco, ao usar a mulher negra como objetificação sexual.

Tensionando diálogos para além da esfera musical, o álbum conta com interlocuções e referências, como poemas de Conceição Evaristo, música de Nina Simone e discursos de bell hooks e Sojourner Truth. Transcendendo discursos não-naturalistas, argumentando que a solidão negra e o racismo existem em diversos âmbitos sociais, a artista utiliza-se da vivência de outras mulheres, mas que reflete nos parâmetros que a sociedade impõe a sua existência. Assim, ela busca construir sua narrativa de álbum e de vida como meio de transcender sobre negritude, ancestralidade, solidão e feminismo negro.

A potencialidade do álbum abriu espaço para sua versão estendida, em 2022, o Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água Deluxe, com 10 composições inéditas de Luedji Luna, em parceria com os compositores Marissol Mwaba, François Muleka e Ravi Landim. Segundo a artista, em entrevista à Bazaar, “as letras estão mais diretas, simples, menos alegóricas, metafóricas, ao contrário do que acontecia nos trabalhos anteriores” (ALOI, 2022, s.p). O visual do álbum, ao passo que se entrelaça entre sensualidade e afeto, mostra uma versão luxuosa com textura leve, em alguns momentos, com um certo suíngue. Um conjunto de musicalidade diferente da primeira versão do álbum.

CONCLUSÃO

Trazendo raízes africanas e discursos imponentes em suas músicas, Luedji Luna traz abordagens sobre dor, abandono e a solidão, com uma linha de recorte ressaltando em especial uma figura: a mulher negra. A artista, ao passo que cria sua narrativa sobre os atravessamentos impostos pela afetividade e amor romântico, cria sua relação com a racialidade e a forma com que fez ela tornar-se negra, ou seja, pela inquietude na ausência da afetividade causada pelo racismo. Assim, evidencio que Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água (2020) transita entre questões políticas-sociais e reflete sobre as metáforas presentes nas relações de afeto envolvendo corpos negros. Então, o presente trabalho buscou trazer o álbum visual e as linhas de recorte literária para abordar as lacunas envolvendo o racismo e as relações de afeto.

REFERÊNCIAS

ALOI, André. **Luedji Luna lança versão ‘Deluxe’ do álbum “Bom mesmo é estar debaixo d’água**. Revista Harper's Bazaar Brasil. Nov, 2022. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/luedji-luna-lanca-versao-deluxe-de-bom-mesmo-e-estar-debaixo-dagua/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BARRETO, Rachel. **Uma pensadora brasileira**. Grupo Cult/Uol. Julho de 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GONZALEZ, Lélia (1979a). **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher** (Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5-7 de abril de 1979. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feministas**. Tradução: Bhuvi Libanio. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. Disponível em: https://statics-americanas.b2w.io/produtos/1277842753/documentos/1277842753_1.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2021.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; QUEIROZ, Tobias; PIRES, Victor. Um Corpo Rexistente: a gira poética de Giovani Cidreira. **31o Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz – MA. 06 a 10 de junho de 2022. Disponível em: www.compos.org.br. Acesso em: 01 abr. 2023.

MACIEL, C. P. **Transcorporeidade e saber: narrativas performativas e indisciplinadas por uma descolonização epistêmica**. 2020. 340 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11289>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes. Portugal, 2001. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. Disponível em:

<https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SANTIAGO, Spartacus. **O significado de bom mesmo é estar debaixo d'água**. Youtube, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ZxHZeHmkTRo>. Acesso em: 03 abr. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.